

A AGRICULTURA EM SÃO PAULO

BOLETIM DA SUB-DIVISÃO DE ECONOMIA RURAL

Sumário:

Questões da Política Agrícola	1
Situação da Lavoura	8
O preço do Leite	10
Preços no Interior	12
Mercados e Preços	13
Situação da Pecuária	19
Reerguimento das Fazendas de Café ..	21

NO I Nº 6
E T E M B R O 1951

DIVISÃO DE ECONOMIA RURAL
DEPARTAMENTO DA PRODUÇÃO VEGETAL
SECRETARIA DA AGRICULTURA
ESTADO DE SÃO PAULO

A AGRICULTURA EM SÃO PAULO

Boletim da Subdivisão de Economia Rural
Rua Anchieta, 41 - 6º andar, Caixa Postal, 8083

SUBDIVISÃO DE ECONOMIA RURAL

Chefe: Engº Agrº Ruy Miller Paiva

S E C Ç Õ E S

POLÍTICA DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA

Engº Agrº Ruy Miller Paiva (chefe)
Engº Agrº Salema Schattan

PREVISÃO DE SAFRAS E CABASTRO

Engº Agrº Mario Zaroni (chefe)
Engº Agrº Francisca Prudente Filho
Engº Agrº Oswaldo Baptista da Costa

MERCADOS E PREÇOS

Engº Agrº Rubens Araujo Dias
Engº Agrº Constantino Carneiro Fraga

ORGANIZAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO RURAL

Engº Agrº Oscar J. Etteri (chefe)
Engº Agrº Fernando S. Gomes Jr.

DIVISÃO DE ECONOMIA RURAL

Diretor: Engº Agrº Mario D. Homem de Mello

DEPARTAMENTO DA PRODUÇÃO VEGETAL

Diretor-Geral: Engº Agrº Nelson Schmidt

SECRETARIA DA AGRICULTURA

São Paulo

Brasil

Impresso na D.F.A.

(26-IX-1951)

QUESTÕES DE POLÍTICA AGRÍCOLA

O Mercado de Algodão e a Bolsa de Mercadorias de São Paulo:

Dissemos no ultimo numero que nossa politica de café ressentia-se da falta de um planejamento que orientasse as medidas tomadas em sua defesa, segundo um objetivo determinado.

O mesmo podemos dizer agora a respeito do comércio de algodão, com a agravante de se tratarem de atividades sobre as quais a interferencia do governo é pequena, pois são os próprios comerciantes que são os seus orientadores e responsaveis.

O movimento que estamos presenciando em torno da Bolsa de Mercadorias é dos mais calamitosos. Uma firma se declara alista e acusa a Bolsa de estar a serviço dos baixistas e de usar práticas desleais para força-la e sair do mercado. Imediatamente agita-se o ambiente e divide-se a opinião pública, ficando uma parte do lado da Diretoria da Bolsa, que alega seu favor que nada mais fizera do que aplicar certos dispositivos de seu regulamento com o fim de moralizar o mercado, enquanto outra aplaude a atitude da firma especuladora, inclusive as suas propostas de fechar a Bolsa, de oficializa-la, ou de modificar o seu regulamento de modo a exigir que os especuladores provejam possuir a mercadoria antes de poder negocia-la em seu recinto.

Não pretendemos no momento julgar com quem está a razão. Os negocios de algodão se processam de tal modo que é impossível emitir um conceito justo a respeito. Além do mais não ha maior interesse nesta forma de apreciação. Se há uma troca de acusações entre a diretoria da Bolsa de Mercadorias e uma firma especuladora, axompanhada de flutuações erradigas nos pregos do produto, parece-nos prova suficiente que os regulamentos da Bolsa juntamente com a legislação que fiscaliza suas operações não se mostram satisfatórios. Como a economia do Estado e principalmente a da agricultura sofre as consequências dessa falta de organização, julgamos necessário discutir esse assunto, esclarecendo as verdadeiras funções de uma Bolsa, analisando as propostas que vem sendo feitas, de fechamento, oficialização e outras. E, terminaremos por concluir, mostrando a necessidade do Governo impôr certas medidas que venham melhor regulamentar e fiscalizar a especulação, a exemplo do que já foi feito nos Estados Unidos.

2
O que é o Mercado a Termo: A fim de atingir esse objetivo de vemos inicialmente explicar aos que não estão familiarizados com os negócios da Bolsa, o que é uma transação a termo.

Em resumo, as transações no termo são aquelas em que o interessado vende ou compra uma mercadoria para ser entregue ou recebida no próximo futuro, em um determinado mês. Tais transações acham-se bem regulamentadas pela Bolsa que padroniza a mercadoria negociada e garante o pagamento. Além disso, devido às operações da Caixa de Liquidação, deixa de haver necessidade da mercadoria ser efetivamente entregue ou recebida pelo interessado. Basta que este faça uma operação do mesmo volume e vencível no mesmo mês que a anterior apenas em sentido inverso, isto é, vendendo quando antes tinha comprado ou comprando quando antes tinha vendido, para que a Caixa de Liquidação anule uma pela outra, cobrando ou pagando a diferença de preço que houver. Devido a essas facilidades a procura por essas formas de transações é muito grande. Não pelos que desejam realmente adquirir ou vender a mercadoria, pois, para isso, mais fácil e prático é ainda negociar no disponível. Os que procuram o mercado a termo são os que desejam especular no mercado e os que desejam se assegurar contra as flutuações de preços.

Parece estranho que a mesma modalidade de negócio sirva tanto aos que desejam se aproveitar das flutuações de preços como aos que desejam evita-la. Mas é fácil explicar. Ela presta-se aos especuladores porque, como acabamos de ver, é uma operação fácil e não exige o manuseio da mercadoria de modo que o interessado pode comprar e vender a qualquer momento sem que precise dispor de uma organização para receber o produto. Presta-se aos que desejam evitar as flutuações de preços porque com ela toma-se posição inversa da que se tem no disponível, de modo que ao ocorrer uma mudança nos preços pode-se ganhar no termo (ou perder) o quanto se perde (ou ganhar) no disponível. Os benefícios dessa forma de seguros são inúmeros: através dela é que os comerciantes podem receber toda a produção dos agricultores e fornece-la parcialmente aos industriais a medida que estes necessitam. Uma firma que compra por exemplo um milhão de arrobas de algodão em caroço durante a safra não pode conservar este produto durante o ano todo, pois correria o risco de perder mais de 30 milhões de cruzeiros com uma flutuação de preços idêntica a que temos ti

do ultimamente. Entretanto, com o auxílio do mercado a termo, este negociante pode fazer tal operação, livre de maiores riscos e, por isso mesmo, cobrando pelo seu serviço uma margem relativamente pequena. Basta que ao adquirir o algodão do agricultor ele venda a termo um volume idêntico do produto; mais tarde cada vez que entregar um lote à indústria ele faz operação inversa no termo, comprando e liquidando volume igual ao que foi entregue. Como os preços do disponível e do termo flutuam normalmente de forma semelhante, ela não tem lucro nem prejuízo com essas transações. Assim é que, se o preço do algodão que ele adquire do agricultor por 100 cae para 90, o que ele perde nessa transação (que é 10) é compensado pelo lucro que obtém na transação do mercado a termo, pois se ali vendera a 100 poderá comprar a 90 para liquidar a transação e com isso ganhar os 10 que perderá na transação no disponível.

O mesmo acontece com o industrial que pode negociar a um determinado preço uma grande partida de tecidos antes de iniciar sua fabricação e sem que para isso precise adquirir e estocar todo o algodão de que irá necessitar. Basta que fixe o preço do tecido na base do preço do algodão no disponível e imediatamente faça uma operação no mercado a termo, comprando a quantidade de algodão de que irá necessitar. Mais tarde, a medida que sua fábrica entra em funcionamento e ele for adquirindo no disponível o algodão de que necessita irá vendendo no termo e liquidando sua posição nesse mercado. Nesse caso, se o preço do algodão no disponível subir ele pode continuar a entregar o tecido ao preço combinado, pois, o prejuízo que sofrer será compensado por um lucro de valor idêntico na operação do mercado a termo. Desse modo, o industrial pode satisfazer pedidos grandes sem precisar incorrer nas despesas de adquirir e estocar grande volume de algodão.

O próprio agricultor também pode usar das vantagens do mercado a termo. Se em outubro na época do plantio ele julgar que os preços são favoráveis e desejar assegurá-los para sua futura colheita ele pode vender no termo para entregar no mês de maio e julho o volume de algodão que pretende colher. Ao chegar a época da colheita, se os preços caírem, ele não terá prejuízo pois pode entregar o seu algodão no termo ao preço combinado ou vender no disponível e liquidar sua posição no mercado a termo onde obterá o lucro. É verdade que se os preços subirem a níveis mais elevados ele deixa de ter maior lucro, ainda que

venda o produto com lucro no disponível, deverá liquidar com prejuízo a sua posição no mercado a termo. Aliás, os agricultores pouco usam essa modalidade de seguro contra flutuação de preços com receio de que um fracasso de sua colheita seja acompanhada por uma subida de preços; nestas condições, seu prejuízo será muito grande, pois além de colher pouco terá de liquidar sua posição no mercado a termo com prejuízo.

Função Construtiva dos Especuladores: Não obstante os benefícios que o mercado a termo oferece, proporcionando uma forma de seguro contra a flutuação de preços é comum encontrar-se um ambiente de desconfiança em relação as Bolsas. E isso é devido a presença dos especuladores. A existência de uma organização em que se encontram grupos de pessoas, muitas das quais especulando nos movimentos de alta e de baixa, comprando e vendendo sem ter a mercadoria e obtendo lucro com essas operações, não é olhada com simpatia pelos produtores.

É lamentável essa atitude porque as Bolsas prestam grandes serviços, como já vimos, e mesmo os especuladores que são tão combatidos têm a sua função útil dentro dessa instituição. Sem eles não seria possível o seguro contra flutuação de preços, pois faltaria o volume de negócios que se faz necessário a sua prática. Quando um comerciante necessita comprar ou vender a termo para garantir sua posição no disponível é necessário que encontre alguém que esteja interessado em operar em sentido contrário ao dele, isto é, a de vender ou comprar o lote que ele procura ou oferece. E se o mercado a termo conta apenas com os comerciantes que dispõem da mercadoria, dificilmente coincide, num determinado momento, um negociante encontrar outro, cujo interesse seja exatamente inverso ao seu. A existência de grupos de especuladores é pois essencial a existência do mercado a termo.

É necessário acrescentar também que, em princípio, essa especulação não tem como seria de supor efeitos nocivos sobre os preços. Extensas pesquisas realizadas nos Estados Unidos vieram provar que elas não trazem maior flutuação nos preços do disponível e que o seu efeito é apenas o de acentuar as pequenas flutuações.) Agricultural Price Analysis-Shepherd, pg. 12). Aliás é fácil aceitar tal afirmativa, uma vez que se

compreenda que os especuladores ao fazerem suas ofertas estão apenas procurando prever os preços que irão vigorar no disponível desses próximos meses. Somente porque ha divergencia de opinião a respeito dessas previsões, é que existem os compradores e vendedores. Também não é facil a um especulador forçar o preço do mercado, porque além das forças que surgem em sentido contrario, dos elementos que se guiam por outras estimativas, ha a considerar que esse especulador para apurar o seu lucro deverá tomar posição inversa, isto é, deverá comprar o mesmo volume de mercadoria que vendeu, o que vem neutralizar o efeito da especulação.

Função Nociva dos Especuladores Todavia, isso não quer dizer que não haja possibilidades de de manipulação de preços. Possibilidades ha, que se tornam, alias, numerosas quando não ha uma severa fiscalização de suas atividades. As proprias diretorias das Bolsas procuraram impôr uma serie de regulamentos enérgicos nesse sentido. Os comerciantes e mesmo os especuladores quando considerados como uma classe, não tem interesse em permitir essa possibilidade de manipulação, porque eles mesmos podem ser de um momento para outro prejudicados com as manobras de um pequeno grupo. A forma mais comum de fiscalização é a que proíbe, através de pesadas multas e mesmo de expulsão do indiciado, o uso de certas práticas consideradas deshonestas, como a divulgação de informações capciosas, dados estatísticos falsos, etc..

Ha porém manobras mais difíceis de serem controladas. Uma delas, que costumava ser comum nas Bolsas dos Estados Unidos, é a que os americanos chamam de "squeeze". Consiste na prática de comprar um grande volume de algodão a termo no mês proximo e forçar o recebimento da mercadoria quando se sente que ha falta de produto em condições de ser entregue. Agindo dessa foram, o especulador pode obter grandes lucros pois força o vendedor a pagar preços elevados pela liquidação do negocio.

Outra forma de manipulação é a que se dá quando uma firma começa a operar em grande volume num determinado sentido, de forma mais ou menos acintosa, de modo a não só forçar os preços como a atrair um grande numero de especuladores que passam a operar no mesmo sentido. E com a entrada de no-

vos especuladores pode a firma que iniciou o movimento sair do mercado com lucro, isto é, pode vender ou comprar o mesmo volume de mercadoria que antes negociara, sem fazer com que os preços retornem aos níveis antigos. Evidentemente, para que isso ocorra é necessário que os novos especuladores não saibam da posição de mudança da firma afim de que também não se retirem do mercado.

Para evitar tais manipulações as Bolsas dos Estados Unidos, em entendimento com o Governo americano, instituíram uma série de medidas fiscalizadoras a partir de 1914 com a promulgação de uma lei especial, a U.S. Cotton Future Act, e em 1922 com a Grain Future Act. Mais tarde, em 1936, foi promulgada a Commodity Exchange Act, com uma série de medidas energicas proibitivas, visando não só permitir ao órgão controlador uma tomada de conhecimentos da posição dos negocios de todos os especuladores como a de lhe dar o direito de impor um limite ao volume das especulações de cada operador.

Devido a essa regulamentação, os corretores das Bolsas são obrigados a remeter diariamente para a Commodity Exchange Administration a posição em aberto de seus clientes e o volume total de suas transações. E no caso de um de seus clientes ficar em aberto com um volume de negocios superior ao determinado por lei, é obrigado a comunicar o fato a Administração. Em agosto de 1940, o maximo que o interessado poderia ter em aberto no mercado a termo de algodão era um total de 30 mil fardos. O mais interessante, porém, é que não há limite quando se trata de operações que tem por finalidade o seguro contra a flutuação de preços. E os negocios da Bolsa estão de tal forma organizados, que é fácil a um interessado comprovar as transações que são desse tipo.

Com tal regulamentação, as Bolsas dos Estados Unidos puderam eliminar os efeitos nocivos dos especuladores e conservar sua função benéfica, que é, como já dissemos, a de fornecer elementos que permitam aos negociantes a prática de segurar suas mercadorias contra flutuações de preços.

Medidas que se Sugerem: Após esta longa dissertação sobre os negocios a termo podemos voltar

ao caso da Bolsa de Mercadorias de São Paulo e analisar a conveniência das solicitações que vêm sendo feitas e que são as seguintes: fechamento da Bolsa, permissão de operar a termo somente aos que disponham de mercadorias e transformar a Bolsa em órgão oficial do Estado.

Pelo que foi exposto acima, depreende-se que é inteiramente desaconselhável o fechamento da Bolsa, pois a sua utilidade é muito grande tanto para os comerciantes que desejam assegurar-se contra as flutuações de preços, como para os produtores e consumidores que graças a isso podem pagar menos aos intermediários pelos serviços de comercialização de seus produtos. Ainda que os negócios da Bolsa se processassem de forma a prejudicar os interesses do povo, não seria fechando a que se conseguiria moralizar o mercado. Não existindo a Bolsa, que funciona também como centro veiculador de informações sobre as condições de mercado, as manobras podem se tornar ainda mais frequentes por falta de maior divulgação das informações relacionadas com as safras, movimento de mercadorias, etc.

Do mesmo modo, depreende-se que não é possível exigir que os mercados a termo sejam operados somente pelos que dispõem de mercadoria, pois, conforme já vimos é necessária a presença de especuladores para que haja o volume de negócio necessário à prática do seguro. Proibir o especulador de negociar a termo é o mesmo que fechar essa forma de mercado. E por fim, a oficialização da Bolsa não apresenta vantagem alguma. É uma entidade de homens de negócio, os quais tem o maior interesse em manter a instituição acima de qualquer suspeita e por isso não se pode admitir que o Governo possa administrá-la com maior zelo. A função que deve caber ao Estado é apenas a de providenciar para que as operações não se processem de modo considerado lesivo aos interesses da coletividade, e para isso, basta que se forneçam os elementos legais para uma fiscalização energética. Elementos esses, que já tem sido empregados com grande sucesso em outros países da America.

Conclue-se assim que as medidas que vêm sendo solicitadas não se justificam. Todavia, isso não implica na afirmativa de que nada deve ser feito. Ainda que não se tenha aqui pretendido descrever detalhadamente a marcha dos acon-

8
cimentos e nem tentado formular um juízo sobre a atitude dos que hoje se põem em campos contrários, pode dizer-se sem receio de erro que a Bolsa de Mercadorias de São Paulo está necessitando de elementos mais enérgicos de fiscalização, para que possa proibir os abusos da especulação. As flutuações de preços que acabam de ocorrer em nosso mercado e as acusações que se levantam da diretoria contra uma firma especuladora e desta contra a diretoria, vêm provar que falta à Bolsa de Mercadorias e ao Governo os elementos legais para exercer uma fiscalização reguladora contra os excessos da especulação. É necessário estudar-se a adaptação entre nós da legislação vigente nas Bolsas dos Estados Unidos, de modo a se criar um órgão fiscalizador com o direito de examinar a posição real de cada operador e delimitar o volume de suas operações especulativas. Assim poderá a Bolsa de Mercadorias continuar a exercer a importante função que lhe cabe no mercado algodoeiro do Brasil.

SITUAÇÃO DA LAVOURA

Algodão: O mês de agosto caracterizou-se por ser o período de transição de um ano agrícola para o seguinte, Ultimou-se a colheita do algodão e prosseguiu-se com intensidade o arrancamento das soqueiras, cuja perfeição é dificultada pela migração de arrendatários de uma região para outra, em busca de zonas mais afastadas. As duas chuvas propícias, na primeira e segunda década desse mês, favoreceram o preparo de terra para novos plantios. Não obstante a queda de preços do algodão no fim da safra, é provável que haja aumento de área de plantio para o próximo ano. As entradas nas máquinas de benefício ultrapassaram 40.308.400 arrobas em caroço, excedendo a safra prevista que foi de 39.485.425 arrobas.

É possível que a previsão oficial da safra venha a ser ultrapassada em 5% pelas entradas nas máquinas. De modo geral as previsões foram pessimistas em relação às zonas novas e otimistas em relação às velhas.

Café: Como foi mencionado no boletim de agosto não se verificou o resultado esperado da colheita em diversos setores cuja quebra de produção reduziu a safra prevista de 7.397.424 sacos de café beneficiado para 6.543.740 sacos. Os setores de Rio Preto, Bebedouro, Ribeirão Preto e Araraquara foram os mais atingidos pela quebra, o mesmo não acontecendo com o setor de Bauru para o qual foi prevista uma pequena diminuição. Desse modo, a estimativa passa ser a seguinte:

Setores	1.000 pés	Produção	Rendimento
		Sacs. 60 quilos	Sacs. benef. p/mil pés
Araçatuba	76.358	520.000	6,8
Araraquara	76.430	343.000	4,5
Avaí	88.579	699.440	7,8
Bauru	146.800	1.290.060	8,7
Bebedouro	62.628	219.050	3,4
Campinas	42.500	261.945	6,1
Itapetininga	3.096	17.802	5,7
Jau	65.578	396.080	6,0
Marília	180.244	1.100.900	6,3
Piracicaba	11.859	94.114	6,8
Pirassununga	41.682	209.366	5,0
Presid. Prudente	39.910	296.413	7,5
Ribeirão Preto	95.176	439.000	4,8
S. José do R. Preto	142.701	538.700	3,8
São Paulo	15.515	94.850	6,1
Taubaté	4.191	23.020	5,9
	<u>1.093.246</u>	<u>6.543.740</u>	<u>5,9</u>

Cana e Mandioca: O corte de cana atingiu neste mês o máximo de intensidade para fabricação de açúcar, aguardente e álcool.

Enquanto que a exploração canavieira oferece ótimas perspectivas, o mesmo não se verifica com relação ao cultivo da mandioca para o qual reina desinteresse.

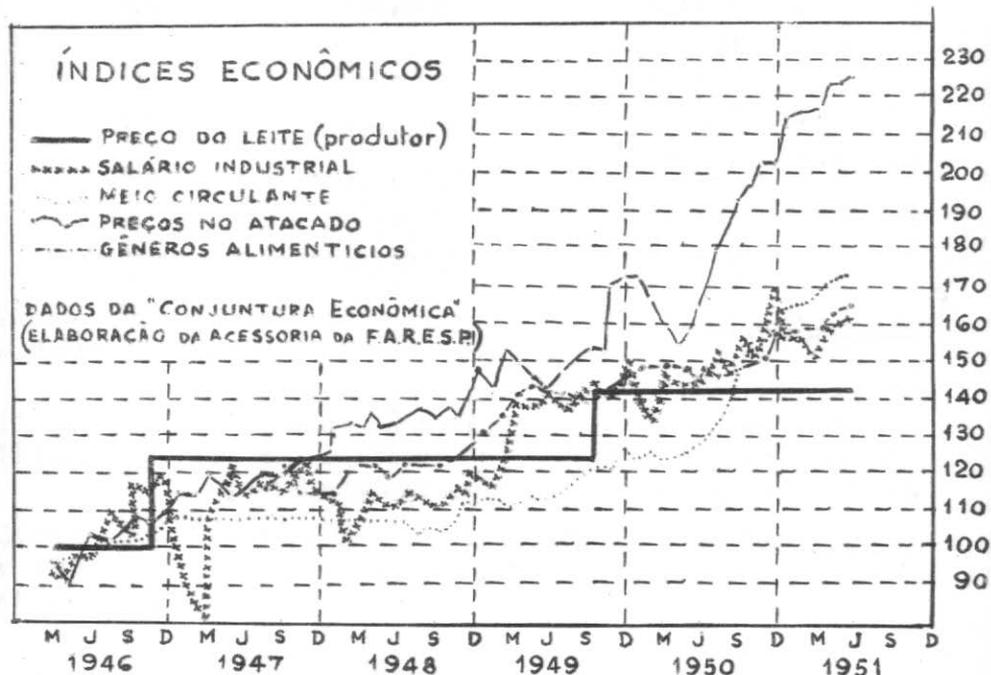
Cereais: Encontra-se maior interesse pelo plantio de milho que pelo do arroz, cujos preços não foram animadores. De modo geral o tempo corrido favorável para o preparo de terras.

Fruticultura e Horticultura: A colheita da laranja acha-se, praticamente no fim, mas pela diversidade de clima colhe-se ainda abacate, limão, abacaxi, mamão e lima, bem como tomate, cenoura, mandioquinha e pimentão.

No abastecimento da Capital, por esses produtos, destacam-se os municípios de Campinas, Amparo, Itatiba, Cotia, Monte Alto, Suzano, Limeira, São Roque, Indaiatuba e Araras.

O PREÇO DO LEITE

A fim de atender à recente reunião dos produtores de leite, convocada pela Comissão Central de Preços no Rio de Janeiro, a assessoria da FARESP elaborou um interessante gráfico em que apresenta as flutuações dos preços do leite, no período de 1946 a 1951 calculados em números índices e comparados com os dos "preços de atacado", "volume do meio circulante", "gêneros alimentícios" e "salário industrial".



Segundo esse gráfico, cuja cópia apresentamos na página anterior, nos anos de 1947 e 1948 foram, no período em questão, os mais favoráveis para os produtores. O preço do leite nesses dois anos, graças ao aumento que lhe foi concedido no fim do ano anterior (1946), manteve-se em posição superior aos dos demais índices.

Em 1949, inicia-se uma mudança de posição, pois os preços dos demais produtos começam a subir em ritmo acentuado, enquanto o do leite se mantém estável por ser produto tabelado. Aliás, os "preços de atacado", já mostravam tal tendência em 1948, mas, somente em 1949 é que os índices dos "gêneros alimentícios" e "salário industrial", começam a acompanhá-lo nessa ascensão.

O aumento concedido para o preço do leite no fim do ano de 1949, pouco contribuiu no sentido de melhorar a posição do produto e do produtor pois durante o ano de 1950 os demais índices mantiveram o ritmo de crescimento, ritmo esse que se intensificou sensivelmente no primeiro semestre de 1951. O índice de "preços no atacado" nesse último período foi o que mostrou o acréscimo mais sensível, tendo passado em números índices, de aproximadamente 167 em junho de 1950 a 222 em abril de 1951.

A vista dessa situação, conclui a assessoria técnica da FARESP que o processo natural será uma nova elevação no preço desse produto. São suas palavras:

" Para restabelecer a situação do relativo equilíbrio existente no período 1947-1948, período esse caracterizado pela estabilidade do meio circulante, seria necessário que o preço do leite, ao produtor, fosse fixado em Cr.\$ 2.62 para equiparar-se ao índice do custo da alimentação. Para alcançar o mesmo objetivo, tendo em vista a evolução do índice dos salários industriais, seria preciso fixar o preço do leite ao produtor em Cr.\$ 2,72 por litro.

LEVANTAMENTOS ECONÔMICOS DA SUB DIVISÃO DE ECONOMIA RURAL

PREÇOS MÉDIOS RECEBIDOS PELOS LAVRADORES

MÊS DE AGOSTO DE 1951 ^x

POR SETORES AGRÍCOLAS	A R R O S		FELJÃO MILHO		C A F É		ALGODÃO EM CAROÇÓ	AMENDOIM MAMONA BATAVA		
	Em casa	Benef. So. da	So. da	Em casa	Beneficio.	Per	Em casa	Per	So. da	
	So.60	Ks.60	Ks. 60	Ks. 60	So.40	Ks. So.60	Arreba.	So.25	Ks. Quile	60 Ks.
Aracatuba	93,30	161,80	104,70	60,10	302,50	1.031,30	75,50	50,60	3,19	156,70
Araraquara	103,10	159,90	141,40	73,80	297,10	1.020,00	79,20	53,50	3,00	213,30
Avaré	98,50	169,60	126,00	68,00	303,40	1.032,20	86,50	55,00	2,67	171,40
Baurá	98,70	168,60	142,10	67,80	287,90	1.010,60	78,00	51,80	3,05	220,10
Bedeure	102,00	180,90	143,60	66,60	291,10	1.016,00	76,50	57,80	2,96	195,10
Campinas	115,50	192,30	155,30	86,40	300,60	1.002,20	93,10	60,00	-	199,80
Itapetininga	94,40	169,80	140,60	68,30	281,70	976,80	83,00	-	-	160,10
Jau	111,30	205,00	130,00	74,70	303,10	1.007,50	90,00	-	3,65	190,00
Marília	84,90	153,80	120,70	68,00	296,90	1.007,50	75,60	52,70	2,95	132,50
Piracicaba	114,80	193,70	137,10	73,40	281,40	953,50	91,20	71,50	-	174,90
Piraquunga	106,60	182,10	133,70	68,10	300,60	1.032,60	89,00	69,00	-	168,80
P. Prudente	97,90	165,70	118,00	57,00	289,40	996,50	74,80	51,40	2,92	129,80
Ribe. Preto	103,80	166,50	150,80	70,20	293,40	1.010,10	76,70	52,00	3,00	157,50
S. J. R. Preto	98,50	163,90	107,60	63,20	310,90	1.013,80	75,00	50,60	3,30	238,00
São Paulo	91,90	178,00	160,90	85,80	289,10	952,20	-	-	-	184,80
Taubaté	101,80	177,20	163,40	96,90	-	-	-	87,50	-	192,40
Preço médio de Estado Agosto 1951	99,40	169,50	135,50	70,60	298,10	1.013,10	77,50	52,20	3,09	163,10
Idem Jul 51	100,60	172,70	145,70	70,40	289,40	1.009,10	79,60	52,20	3,66	185,00
" Jun 51	100,20	175,60	162,00	67,90	294,00	1.037,30	106,20	52,50	4,10	209,60
" Mai 51	99,90	172,40	190,80	67,50	312,90	1.085,20	141,90	52,80	4,07	200,20
" Abr 51	93,00	172,80	170,00	68,00	310,50	1.080,50	126,40	53,70	3,99	183,90
" Mar 51	97,50	172,70	162,00	66,60	313,20	1.085,40	134,80	50,80	3,91	160,90
" Fev 51	97,80	174,00	148,50	66,10	318,00	1.096,20	-	59,50	3,61	135,90
" Jan 51	102,70	178,60	128,50	65,50	316,10	1.076,60	-	65,60	3,34	115,70
" Dez 50	104,70	182,00	132,00	62,10	304,60	1.032,30	-	84,50	2,93	173,90
" Nov 50	111,40	193,40	137,30	61,60	311,80	1.056,60	-	99,80	2,65	240,60
" Out 50	125,50	207,10	139,30	58,30	336,40	1.133,00	80,60	93,70	2,86	214,50
" Set 50	125,80	209,50	135,00	56,10	353,20	1.165,60	79,90	90,70	2,90	199,40
" Ago 50	117,10	197,10	130,30	53,00	334,20	1.096,50	82,50	88,90	2,16	198,60

(x) Dados de Agosto sujeitos a revisão posterior.

Coletados pela Seção de Mercados e Preços.

Café: Os negócios de café na praça de Santos continuaram, em agosto, a baixo do normal, apesar de ter havido maior numero de transações que nos meses anteriores, tanto no disponível como nos mercados a termo e de entregas diretas.

A exportação nesses meses, por Santos, alcançou 613.721 sacas, ou seja 152.673 sacas a mais que a do mes de julho; inferior porém em cerca de 250 mil sacas a cota mensal de exportação atribuída a esse porto pelo atual regulamento de quotas do Ministério da Fazenda. As exportações dos portos do Rio e Paranaguá foram superiores as suas cotas, o que pode se dar pelo uso de parte do saldo da cota do mes anterior. A quantidade exportada por todo o Brasil atingiu 1.407.029 sacas, ou seja um aumento de 515.219 sacas sobre o total saído em julho.

Como vemos houve uma intensificação das compras de café mais acentuadamente nos portos no Rio e Paranaguá, porque esses centros, devido principalmente à rapidez com que o café é liberado, podem oferecer melhores condições de venda do produto. Devido a essa rapida liberação, estão sendo enviadas para o Rio maiores quantidades de café paulista. Na atual safra, até o fim de agosto já tinham sido enviados a outros portos, que não Santos, 8,5 % do café despachado no interior, em comparação com 6,6 % e 4,2 % enviados respectivamente nas safras 1950/51 e 1949/50. Vizando diminuir as remessas para fora do Estado, foi regulamentada por decreto estadual a cobrança do imposto de 3% (ad-valorem) sobre expedições, para fora do Estado, de café exportado destinada a exportação para o estrangeiro.

É de se esperar que em setembro tanto o Rio como Paranaguá preencham suas cotas de exportação relativas ao primeiro trimestre da safra 1951/52 e que portanto não possam exportar neste mes, mais do que 373.957 e 297.346 sacas, cada um deles respectivamente, quantidades alias inferiores as exportadas em agosto. Deve-se, portanto, esperar um aumento de movimento nos próximos meses em Santos, pois no caso dos importadores continuarem a comprar com a atual, ou mesmo com uma maior intensidade, terão que recorrer cada vez mais ao porto

As cotações de café em Santos em agosto mostraram ligeira recuperação. A média mensal do tipo 4 mole no disponível foi de Cr. \$ 194,05 por 10 quilos, enquanto que no mês anterior tinha sido de Cr. \$ 192,12. Nesse mercado entre o principio e o fim do mês houve uma alta de Cr. \$ 1,50 por 10 quilos para o tipo 4 mole. Os preços médios recebidos pelos lavradores no interior do Estado apresentaram pequenos aumentos em relação ao mês anterior; os preços vigorantes são: Cr. \$ 298,10 por sacco em coco e de Cr. \$ 1.013,10 por sacco de café beneficiado.

Conforme já salientamos em comentário publicado no nº 4 deste boletim, a atual situação estatística do produto apresenta-se melhor do que na safra anterior, o que torna possível a estabilização do nível atual das cotações. Segundo dados recentes da D.E.C., o café disponível para a exportação atingiu em 30 de junho de 1951 a um total de 4.928.960 sacos dos quais 2.459.868 formavam os estoques dos portos de exportação e 2.469.092 achavam-se no interior a espera de liberação. Esse total apresenta-se ligeiramente inferior ao apresentado por nós nesse comentário - 5.009.743 sendo bem inferior as quantidades existentes em igual data dos últimos três anos.

De outro lado, a safra ora em curso, apresenta-se bem menor que a principio se estimava, pois registraram-se quebras acentuadas, tanto na colheita como no beneficio, em zonas bastante produtoras de São Paulo e ao que parece também em outras Estados. A segunda estimativa (1 de agosto) feita pela Divisão de Economia Cafeeira calculava o montante da safra exportável em 15.563.500 sacos, ou seja , 1.385 mil sacas a menos que na 1ª estimativa, sendo assim distribuídos pelos Estados produtores:

ESTADOS	SACAS de 60 QUILOS
São Paulo	6.545.000
Minas Gerais	3.200.000
Paraná	3.000.000
Espírito Santo	2.070.000
Rio de Janeiro	500.000
Baía	100.000
Pernambuco	90.000
Goias	50.000
Mato Grosso	7.000
Santa Catarina	1.500
Total:	15.563.500

Esse total destina-se a atender a exportação para o Exterior, ao consumo dos portos de exportação e do comércio de cabotagem. Como para os dois últimos fins são necessários cerca de 850 mil sacas, teríamos de acordo com essa estimativa da DEE, cerca de 14,7 milhões de sacas destinadas a exportação para o exterior.

No entanto, a última estimativa da atual safra paulista de café, feita em fins de agosto e que publicamos na página 9, prevê um total de apenas 6.543.740 sacas, sendo 853.684 sacas inferior a previsão anterior publicada em princípios de julho. Salienta-se, ainda, que a estimativa desta Secretaria abrange todo o café produzido no Estado, inclusive o aqui consumido. Embora não dispondo de dados seguros referentes ao consumo interno do Estado, calcula-se que esse consumo seja em redor de 1,5 milhões de sacas. Tendo em vista que deve ter havido uma diminuição do consumo em virtude do aumento verificado nos preços e também pelo fato de entrar café de qualidade inferior, de outros Estados para esse fim, podemos, a grosso modo, calcular a produção exportável do Estado em cerca de 5,5 milhões de sacas. Essa quebra na produção de São Paulo viria reduzir a produção brasileira em um milhão de sacas, de modo que o café desta safra, destinado à exportação para o Exterior, ficaria reduzido a 13,7 milhões de sacas (a menos que ainda ocorram modificações na produção de outros Estados). Tendo-se em conta que o Brasil vem exportando nas últimas quatro safras quantidades superiores a 16 milhões de sacas, sendo mesmo a média desse período de 16.849.273 sacas, e de esperar-se que a safra deste ano será inferior em pelo menos 2,3 milhões as necessidades normais de exportação. Deste modo as disponibilidades em 30 de junho de 1952 ficariam reduzidas a somente 2,6 milhões de sacas, ou seja um pouco mais da metade do café existente em igual data no corrente ano.

Feijão: Os preços de feijão no interior do Estado, foram em agosto de Cr.\$ 135,50 por saca de 60 quilos. Esse preço é inferior em Cr.\$ 10,20 a média obtida pelos lavradores no mês anterior, sendo ainda pouco superior ao vigente em igual período do ano passado.

Algodão: As cotações de algodão na Bolsa de Mercadorias, que nos primeiros dias de agosto mantiveram-se estaveis, a partir do dia 9 acusaram sucessivas altas, registrando --se mesmo em 3 dias o limite máximo permitido pelo regulamento da aquela Bolsa. No disponível, o tipo 5 que esteve cotado a Cr.\$ 260,00 por 15 quilos no dia 1º, passou a Cr.\$ 314,00 no dia 31, acusando portanto uma alta de 54 cruzeiros por arroba. No termo registraram-se modificações sensíveis no mesmo período, como vemos a seguir:

mês presente	+	Cr.\$ 61,10			
outubro	+	64,00	março	+	Cr.\$ 54,50
dezembro	+	60,00	maio	+	30,00
janeiro	+	57,00	julho	+	14,00

1 - Torna-se difícil fazer uma análise objetiva das causas dessas flutuações. A situação estatística mundial do produto, conforme já dissemos em numeros anteriores deste Boletim, a ainda satisfatória, conquanto não haja mais escassez do algodão. Não só a queda dos preços nos mercados internacionais mostram isso, como também as recentes medidas tomadas pelos Estados Unidos em favor de um aumento das exportações de algodão, taes como a de extinguir o sistema de licença de exportação e a de conceder empréstimos por meio do Banco de Exportação e Importação para os países estrangeiros adquirirem algodão americano.

2 - Com referência à situação do mercado interno, destacam-se os seguintes pontos. A safra paulista será superior à última estimativa (209.000 ton.), pois até 31 de agosto tinham entrado nas maquinas de beneficio 604.626 ton. de algodão em caroço. Admitindo-se um rendimento de 35,5% teriamos já cerca de 215.000 ton. em pluma. Ainda que daqui por diante as entradas no interior devam diminuir sensivelmente pode-se calcular que a atual safra em São Paulo atinja cerca de 225 mil toneladas.

Entretanto, em vista da quase absoluta falta de dados estatísticos referentes a produção, consumo e estoques nos demais Estados, torna-se difícil dar um balanço na posição atual desse produto. Não se sabe ao certo qual será a produção dos Estados do Norte, nem os estoques existentes ao iniciar a presente safra. O IBGE estimou a produção dessa região no

ano passado em cerca de 140.000 ton. em pluma. A atual safra foi prevista por observadores oficiais norte americanos em 105 mil toneladas, já levando em conta os efeitos da seca. Ainda que se admita otimismo nessa previsão e que se lhe dê um desconto de 30% teríamos um total de 74 mil toneladas. Considerando-se um consumo nacional de 85 mil toneladas de algodão do Norte, teríamos um deficit este ano de 11.000 ton., que teria de ser coberto por estoques anteriores ou por algodão paulista.

O suprimento de algodão paulista na presente safra (estoque em 1º de março mais a produção estimada) deve atingir cerca de 260 mil toneladas, das quais já estão comprometidas para exportação cerca de 110.000 ton. Teríamos então 150 mil ton., sendo que 91.000 seriam necessárias para suprir o consumo nacional de fibra paulista, caso fosse preciso cobrir o deficit de 11.000 toneladas de algodão do norte. Existiria, então, um saldo de 59.000 ton. para atender as futuras exportações e a manutenção de razoavel estoque no fim da atual safra. Normalmente, de setembro em diante as exportações por Santos diminuem de intensidade. Assim, nos últimos dois anos foi exportada uma média de 38 mil toneladas de setembro a fevereiro. Se admitirmos uma exportação igual este ano, os estoques em 1º de março, apesar de serem muito reduzidos, ainda dariam para o consumo de dois meses e pouco, ou seja o suficiente para a entrada da nova safra. No entanto, fizemos essas considerações supondo que não exista atualmente estoques da safra anterior de algodão do Norte e que a produção de algodão em outros Estados seja de apenas 15 mil toneladas. Qualquer modificação nesses pontos aumentaria as disponibilidades atuais do algodão paulista.

3 - Constata-se, ainda, no mercado de algodão, a presença de firmas altistas que, operando na Bolsa de Mercadorias e fazendo campanhas pela imprensa, insistem em elevar ainda mais os preços de nosso produto. É sintomático, alias, o fato das recentes elevações do preço do nosso algodão terem aumentado ainda mais a margem entre as nossas cotações e a dos algodões de características semelhantes, de outras procedências.

Milho: Continua firme o mercado desse cereal. O preço médio recebido pelos lavradores em agosto foi de Cr.\$ 70,60 por sacco de 60 Kg. preço esse Cr.\$ 17,60 maior do que o vigo

rante a um ano atrás.

Continuaram as exportações por Santos. Em agosto saíram 17,558 toneladas desse cereal. Conforme já salientamos em comentários anteriores, a safra menor deste ano e as volumosas exportações foram os fatores principais que determinaram a atual firmeza do mercado desse produto.

A alta do preço do milho brasileiro nos mercados consumidores europeus - Cr.\$ 120,00 por 60 Kg. - C & F Londres, está diretamente relacionado com o preço fixado pela Argentina - Cr.\$ 122,00 por 60 Kg. F.O.B. Buenos Aires-, o qual é elevado em virtude das quantidades relativamente pequenas que esse país dispõe para exportação, que no corrente ano são calculadas em cerca de dois milhões de toneladas de milho. Essa quantidade de apesar de ser bastante superior a exportada pelo Brasil e menos de 1 terço das vendas argentinas no período de 1934/38.

O preço garantido aos lavradores na Argentina para a safra de 1951/52 - 30 pesos por 100 quilos ou sejam Cr.\$66,61 por 60 quilos - é pouco maior que o vigente na atual safra (27 pesos por 100 quilos) e por isso não é considerado como incentivo a uma safra maior que atual. Não se espera pois que a Argentina venha a ter grandes disponibilidades desse cereal até princípios de 1953.

Pode-se, assim, concluir que as perspectivas do mercado são favoráveis a continuação de preços elevados e, por conseguinte, a permanência do Brasil como exportador de milho. Há porém, um fator que poderá modificar essa perspectiva que é o referente a política de exportação dos Estados Unidos. Se este país, que é o maior produtor de milho do mundo, decidir que deve incentivar a sua exportação, por serem os preços do mercado internacional muito elevados, é certo que haverá uma modificação na situação, com uma consequente diminuição de preços.

Banana: Continuaram em escala crescente as exportações de banana para o exterior, tendo saído 868.021 cachos. Com esse total a exportação nos 8 primeiros meses de 1951 já atinge a 6.579.576 cachos. Do total embarcado em agosto, 523.153 destinaram-se a Argentina, 196.089, à Inglaterra, 73.773 a Suécia e 73.006 ao Uruguay.

Pastagens: Em algumas regiões, como sejam Caçapava, São José dos Campos e Catanduva, os pastos já começaram a brotar. Todavia, nos demais pontos do Estado onde abundam as invernadas, o capim acha-se ressequido e sem condições de pastoreio. Essa situação parece que perdurará até a entrada da estação chuvosa. Em algumas regiões agrícolas, alguns fazendeiros já iniciaram a prática pouco recomendável da queima de suas pastagens. Nas regiões da Noroeste, dada a qualidade dos capins as invernadas apresentam ainda condições regulares.

Gado de Corte: Na região agrícola de Andradina continua a ocorrer pequena entrada de bois magros dos centros criatórios e a saída de bois gordos para os pontos de abate. Continua a procura de invernadas para arrendamentos. Em Santo Anastácio e adjacências o preço de arrendamento gira em torno de Cr.\$ 16,00 por cabeça e por mês. O estado sanitário do rebanho em geral é bom.

Cotação de Barretos: (Associação Rural do Vale do Rio Grande)

Bovino magro: Cr.\$ 1.200,00 a Cr.\$ 1.400 por cabeça, conforme era, qualidade a partação.

Bovino gordo:	<u>Mercado livre</u>
Novilhos especiais	Cr.\$ 115,00
Tipo consumo	115,00
Carreiros e marrucos	110,00
Vacas	110,00

Os preços vigentes neste mês permanecem os mesmos verificados anteriormente, com exceção apenas no tipo "vacas" que teve uma pequena alta.

Gado de Leite: Melhora ligeiramente o rebanho leiteiro com a distribuição, embora pequena, de torta de algodão. Todavia, existe certo descontentamento entre os produtores quanto ao local do embarque da torta, que dada a distância, onerará e dificultará a aquisição do produto. O preço recebido pelos produtores de leite permanece inalterado. A FAREEP, através de sua assessoria técnica e de suas filiadas realizou um levantamento do custo de produção do leite tipo C, no vale do Paraíba, encontrando para 30 propriedades o custo médio de Cr.\$ 2,88 por litro. A produção parece que irá melhorar daqui para diante, graças a distribuição da torta e melhoria das in

vernadas em alguns pontos de produção. No mês de agosto, segundo os dados fornecidos pelo P.D.A. a entrada na capital foi de 10.616.017 litros. Em igual período do ano passado entraram 11.780.759 litros. Vê-se que a posição do abastecimento piorou, devendo-se ainda salientar que houve aumento do número de consumidores. A quebra verificada foi de mais ou menos 10%. Notou-se alguns focos de febre aftosa nas regiões de Cerqueira Cezar, Sorocaba, Porto Ferreira e Cruzeiro.

Avicultura: A falta quase absoluta do farelo e farelinho de trigo em certas regiões e o preço exagerado das rações balanceadas, tem levado certo desânimo aos avicultores. Espera-se que muito breve será removida essa dificuldade, porque os subprodutos da moagem de trigo e a farinha de carne deverão ser coordenados pelos poderes governamentais. É lamentável a ocorrência em algumas granjas da região de Andradina de verminose, neurolinfomatose e pulorose. Em Tambau e Casa Branca já vai bastante animada a avicultura com instalações de novas granjas.

Cotação: (Associação Paulista de Avicultura)

Ovos de granja

Caixa de 30 dúzias
média do mes

Tipo especial
Tipo A
Tipo B

Cr.\$ 260,00
250,00
235,00

Aves:

Frango (Rhodes, New Hampshire)	Cr.\$ 17,50	(quilo vivo)
Galinha { " " " }	14,00	" "
Leghorn } " " " }	13,00	" "

Mercado firme.

Suínocultura: Lamenta-se o aparecimento da peste suína em vários pontos do Estado, inclusive a zona produtora de porcos como seja a Sorocabana. Em Fartura, São Manoel e Santa Cruz do R. Pardo a procura de vacinas contra a dita peste tem sido bastante grande. Em Capão Bonito, Itapeva e Itararé não causam grandes preocupações em virtude da vacinação sistemática e intensiva. O preço do porco magro em Itararé varia de 180 a 400 cruzeiros a cabeça. O porco gordo custa de Cr.\$ 150 a arroba.

Cotação de Barretos: (Associação do Vale do Rio Grande)

Magro	Cr.\$ 480,00	(média de 6 arrobas)
Tipo A (especial) ..	195,00	
Tipo B (gordo) ...	185,00	
Enxutos	175,00	

Observações Colhidas na Fazenda Santa Irene: Neste número mostraremos os trabalhos de reerguimento que vêm sendo executados na Fazenda Santa Irene, situada no município de Bebedouro. Esta propriedade gerida pelo seu proprietário, Sr. Aderval Marques tem como principais explorações o café, a laranja e o leite.

Antes de apontarmos as técnicas desenvolvidas nesta tarefa de restauração, devemos mencionar que a fazenda já se apresentava bem organizada quando foram iniciados esses trabalhos por volta de 1945. Assim sendo, sua gerência não se preocupou em estudar um programa de reorganização para toda a fazenda, mas apenas dispensar melhor trato aos 450.000 cafeeiros existentes e racionalizar algumas práticas que vinham sendo realizadas.

As práticas aplicadas na restauração do cafezal da fazenda em estudo foram as seguintes:

1 - Adubação orgânica complementada pelos fertilizantes. Uma mistura de esterco de curral e de palha de café em quantidade de um jaca por pé foi aplicada em 180.000 pés anualmente. Esta aplicação é feita em covas cilíndricas abertas entre os pés de café com perfurador mecânico. Um trabalhador com auxílio deste instrumento movido a trator abre, em média, 1.000 covas em 10 horas de serviço, e o seu custo fica em Cr. \$ 0,22. Para esta determinação computamos os gastos com combustível e óleo, diária do operador, depreciação e juros do trator e do perfurador. Embora este custo seja praticamente igual ao das covas abertas manualmente(1), a utilização deste processo tem a vantagem de tornar o serviço mais rápido, reduzindo o período de adubação e o número de operários requeridos.

Este instrumento somente é dispensado nos talhões de menor espaçamento onde não é permitida a entrada do trator; nesse caso o serviço é feito manualmente.

O esterco é preparado em curral coberto e o curral

(1) No caso de um operário com salário de Cr. \$28,00 abrir 13 covas, número médio obtido na inquérito de 33 propriedades, o custo é de aproximadamente Cr. \$0,20.

capim gordura utilizado para sua produção é cortado com ceifeira movimentada pelo trator. Estas máquinas abastecem dez carroças em apenas uma hora de serviço, de modo que uma carroça de capim posta no curral custa Cr. \$ 6,36, sendo (\$ 2,56 para o corte e Cr. \$ 3,80 para o transporte. Esta última importância é a soma dos gastos com carroça, arreio, burro e carroceiro, enquanto a primeira representa as despesas com trator (depreciação, juros, combustível, óleo e graxa), ceifeira (depreciação e juros) e tratorista. Como na propriedade em estudo são necessárias 3,5 carroças de capim para produzir uma de esterco, temos que uma carroça (1) deste produto fica em Cr. \$ 22,30 (2). Este custo na mesma fazenda elevar-se-ia a Cr. \$ 29,80 si a operação do corte fosse feita manualmente. Esta diferença que a primeira vista parece pequena é realmente grande, pois ela representa uma economia anual aproximada de Cr. \$ 45.000,00 si considerarmos que cerca de 6.000 carroças de esterco são produzidas anualmente.

2 - Carpa alternada para reduzir a erosão - O efeito do sistema de alternância de carpas na diminuição das perdas por erosão é de grande alcance si levarmos em conta que sua aplicação, além de ser simples não onera o custeio. (3)

3 - Esparramação mecânica feita em esparramadeira mecânica a tração animal. Esta operação é feita mecanicamente e acompanhando a colheita com o fim principal de encurtar o período em que o safaezal permanece arruado. O objetivo disso prende-se a :

- a) não dar tempo às radicelas aflorarem em grande quantidade a procura das condições favoráveis

(1) Carroça de 20 jacás.

(2) Neste cálculo não computamos os juros sobre a terra ocupada com a capineira, sobre a esterqueira e o gado; por outro lado, não consideramos também a renda proveniente do leite produzido pelo gado vacum usado também para fazer os tóros.

(3) Alguns dados experimentais obtidos na lavoura de café da Estação Experimental de Pinderama (sêlo arenoso com 10% de declive) mostram que a prática da alternância de carpas proporcionou uma redução de cerca de 88% nas perdas de terra e de cerca de 81% nas perdas de água.

de humidade e arejamento das leiras feitas durante a arruação, pois isso resultaria em prejuizo posterior ao cafeeiro que teria muito maior numero de radicelas cortadas por ocasião da esparramação;

- b) reduzir o tempo de insolação direta sobre o terreno exposto a superficie pelo serviço de arruação.

Além desses efeitos benéficos ao cafeeiro, o serviço mecanico de esparramação pode tornar esta operação cultural cerca de dez vezes mais barata que o feito a enxada. Sendo o rendimento deste último processo 300 pés por dia (1) e o da esparrameira mecânica 5,000, temos que o custo da primeira é de Cr.\$ 93,60 por mil pes e desta última Cr.\$ 8,90.

4 - Desbrota, limpeza, polvilhamento e replantas - As duas primeiras operações são feitas anualmente em um terço da lavoura. O polvilhamento com B.H.C. a 1% foi feito, com bons resultados, em todo o cafezal na safra de 50/51 visando o combate ao bicho mineiro. Finalmente, como ultima das praticas de restauração desenvolvidas, temos as replantas que são feitas em numero de 5.000 por ano.

As praticas de restauração applicadas em Santa Irené destacam-se pela racionalização de certas operações como a de adubação, corte de capim para esterco e esparramação que estão sendo feitas mecanicamente. Devemos ainda acrescentar que está sendo experimentado com êxito o uso das enxadas rotativas que carpem 5.000 pés por dia, além de beneficiar o solo pela esçarificação. Por este processo o custo da carpa de 1.000 pés é de Cr. 57,00 (2)

(1) Média da fazenda: a média de 53 fazendas pesquisadas no Estado é 227 pés.

(2) Despesas de tratar (10 horas de serviço) Enxada rotativa (10 horas de serviço)

Combustível	Cr. \$ 69,00	Depreciação	Cr. \$ 84,00
Óleo e graxa	23,00	Juros de 7%	8,40
Depreciação	56,00	Soma	Cr. \$ 92,40
Juros de 7%	9,80		
Traterista	35,00		
Soma	Cr. \$ 192,80		

Despesa total de 10 horas de serviço: Cr. \$ 265,20

Sabendo-se que na referida fazenda um camarada que percebe a diária de Cr. \$ 28,00 carpe cerca de 120 cafeeiros por dia, temos que a carpa manual fica Cr. \$ 176,00 mais ele vada que a motomecânica. Essa diferença seria mais alta si o cotejo fosse estabelecido com os termos de contrato do colono.

Apreciação das Novas Técnicas: Para se apreciar as vantagens da aplicação dessas novas técnicas não basta apenas comparar os custos das práticas. Conforme vimos, nem sempre a diminuição do custo na execução de uma operação pelo processo mecânico foi satisfatório. Mas para se julgar da conveniência de seu emprego, precisamos também ter em conta o tempo de execução e perfeição do serviço, o que significa muitas vezes a possibilidade de se fazer uma determinada tarefa na fazenda. Alias, devemos insistir que nem sempre a aplicação dessas técnicas, embora sejam de menor custo, resulta em redução de custeio. Para isso se conseguir é necessário que haja reorganização da exploração. Não havendo reorganização pode até dar-se um acréscimo de despesas como aconteceu no caso da esparramação que ficou mais cara a despeito da mecanização ter reduzido o custo do serviço. Isto porque a fazenda, além de pagar os colonos como si eles tivessem realizado o serviço a enxada, teve uma despesa extra com a esparrameira, arreo e burro.

É esse um aspecto da racionalização da agricultura que nem sempre tem merecido a devida atenção por parte dos lavradores. Por isso muitos agricultores tem se desapontado em suas primeiras tentativas de de melhorar suas técnicas de exploração.

Resultados Obtidos: Nos anos em que as práticas de reerguimento foram desenvolvidas os resultados obtidos são considerados satisfatórios pelo proprietário. Infelizmente, os fatores climáticos desfavoráveis ocorridos em 1948, 49 e 50 não permitem medir os resultados em termos de aumento de produção.

<u>Safras</u>	<u>Sacas de 110 lts. - Arroba por mil pés</u>	
1945/46	12.091	34,00
1946/47	11.231	32,00
1947/48	21.000	59,50

1948/49	6.148	17,00
1949/50	10.100	28,50
1950/51	10.500	31,00

Os números acima já mostram que os melhores tratamentos dispensados foram benéficos, pois, a despeito da chuva de pedra e das secas consecutivas a produção pouco declinou e já mostra capacidade de recuperação.

Como as secas têm em parte frustrado o plano de reergimento do cafezal, o gerente planeja instalar imediatamente um sistema de irrigação por aspersão em toda a lavoura. Acredita ele que os tratamentos culturais até agora dispensados complementados pela irrigação permitirão a seus cafeeiros uma produção bem mais elevada do que vem obtendo atualmente.

Uma vez que a direção da fazenda planeja efetivar medidas desse alcance, perguntamos si não seria interessante ampliar seu programa de reergimento incluindo outras práticas como:

- redução do cafezal pela eliminação dos talhões deficitários, o que permitira dispensar melhor tratamento aos que fossem conservados;
- substituição sistemática das árvores decadentes, ampliando o número de replantas que deixaria de ser apenas das folhas;
- iniciar já um plano para renovar anualmente parte do cafezal plantando os novos talhões segundo as modernas técnicas.

Além disso, para que isso pudesse ser feito eficientemente seria necessário manter uma escrituração agrícola para:

- mostrar os dados de produção de modo a permitir a identificação dos talhões deficitários;
- especificar os itens necessários para calcular e confrontar os custos das diversas operações culturais pelos diversos processos usados.



SECRETARIA DA AGRICULTURA
 DIVISÃO DE ECONOMIA RURAL

DIVISÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO
 EM SETORES, REGIÕES AGRÍCOLAS
 E MUNICÍPIOS

1950

LEGENDA

- SEDE DOS SETORES AGRÍCOLAS
- SEDE DAS REGIÕES AGRÍCOLAS
- MUNICÍPIOS
- DIVISA DE SETORES
- - - DIVISA DE REGIÕES
- DIVISA DE MUNICÍPIOS